

Estudo de caso etnográfico

Elisabeth Márcia Martucci

Princípios, concepções e técnicas do estudo de caso etnográfico, na abordagem qualitativa ou interpretativa de pesquisa. Este tipo de investigação procura compreender e retratar a particularidade e a complexidade de um grupo natural ou microcultura, a partir dos significados subjetivos de seus atores, coletados em seu contexto ecológico, por meio de observação participante, entrevistas e narrativas escritas.

Palavras-chave: *Estudo de caso etnográfico. Pesquisa qualitativa.*

1 ALGUNS PRINCÍPIOS DA PESQUISA INTERPRETATIVA

A abordagem qualitativa de pesquisa envolve alguns pressupostos sobre a natureza da sociedade humana e sobre as ciências sociais, que devem ser explicitados para a compreensão teórica e metodológica de seus diferentes tipos de estudo. Este texto refere-se, especificamente, ao estudo de caso etnográfico, e esta seção aborda os princípios fundamentais para sua contextualização no paradigma interpretativo de pesquisa, com base no pensamento de alguns autores nacionais e internacionais.

Em sua perspectiva a sociedade é vista como pessoas em ação, que agem de acordo com os sentidos que constroem para todos os objetos com os quais interagem na vida cotidiana, considerando essa construção de sentidos um processo constante de formação. Haguette (1995, p.36-37) esclarece:

“A sociedade humana ou a vida em grupo é vista como consistindo de pessoas que interagem, ou seja, pessoas em ação que desenvolvem atividades diferenciadas que as colocam em diferentes situações. O princípio fundamental é que os grupos humanos ... “existem em ação” e devem ser vistos em termos de ação. Logo, a vida do grupo necessariamente pressupõe a interação entre os membros do grupo ou, em outros termos, a sociedade consiste de indivíduos interagindo uns com os outros, e cujas atividades ocorrem predominantemente em resposta de um a outro, ou em relação de um a outro.”

“O sentido dos objetos para uma pessoa surge fundamentalmente da maneira como eles lhe são definidos por outras pessoas que com ela interage, consistindo o meio circundante de qualquer pessoa, unicamente dos objetos que esta pessoa reconhece. Os objetos - em termos de seus sentidos - são criações sociais, ou seja, são formados a partir do processo de definição e interpretação através da interação humana. A vida de um grupo humano ... representa um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas.”

Portanto, como expõem Bogdan; Biklen (1994, p.54-55), na abordagem qualitativa ou interpretativa encontra-se a asserção de que a experiência humana é mediada pela interpretação, de que existem múltiplas formas de interpretar as experiências, em função das interações com os outros, e de que a realidade não é mais do que o significado de nossas experiências; ela é socialmente construída. A interpretação e o significado que as pessoas atribuem às suas experiências constituem a própria experiência. As pessoas são seres simbólicos que criam ativamente seu mundo através da interpretação, que não é um ato autônomo, mas sim, coletivo: os indivíduos interpretam com o auxílio dos outros, os significados são construídos através de interações.

Erickson (1986, p.124-125 e 127) reafirma que os atores sociais constroem significados diferentemente: dão significados simbólicos para outras ações e agem de acordo com as interpretações que construíram. Assim, as ações são baseadas em opções de interpretação de significado, sempre abertas para a possibilidade de reinterpretação e mudança. Pelo autor, as interpretações de significado são causais nas reações e nas relações sociais; são resultados de escolhas humanas, construídas através de sucessivas articulações na cadeia de interação social. Ressalta que essas perspectivas de significação não estão representadas, são freqüentemente inconscientes, e assim, não estão explicitamente articuladas, e que sua problematização e documentação lhes proporcionam a devida visibilidade e reconhecimento. Nesse sentido, Coulon (1995a, p.28) expressa que a interação é concebida como um processo de interpretação, e que ela permite que os atores comuniquem e prossigam suas trocas, interpretando a respectiva linguagem e atos.

Assim, como elucida Chizzotti (1994, p.93), o objeto da ciência social é:

“ir buscar o significado que as pessoas dão ao seu mundo e às suas práticas, ou seja, a toda a soma total de objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social criados pelo pensamento de senso comum dos homens, vivendo numerosas interações sociais. Cabe aos pesquisadores identificar e descrever as práticas e os significados sociais ... , de compreender como elas se dão no contexto dos sujeitos que as praticam.”

Com estas concepções, a pesquisa interpretativa é conduzida através da descrição e análise dos conceitos e raciocínios utilizados pelos próprios atores sociais e tenta reproduzir, o mais fielmente possível, o mundo tal qual os atores o compreendem e percebem (Coulon, 1995a, p.62). A concepção que os atores sociais fazem para si do mundo social constitui em última análise o objeto essencial da pesquisa, devendo-se levar em conta o ponto de vista dos atores, seja qual for o objeto de estudo (Coulon, 1995b, p.14-15).

Erickson (1986, p.119-123 e 156), ao considerar que os humanos possuem a capacidade de construir e compartilhar significados, enfatiza que eles devem ser estudados em termos do sentido que constroem entre si em suas organizações sociais e que os métodos das ciências sociais devem ser hermenêuticos ou interpretativos, com o objetivo de descobrir e comunicar as perspectivas de significado das pessoas estudadas. Elucida, ainda, que a pesquisa interpretativa diz respeito às especificidades de sentido e ação na vida social, desenvolvidas no cenário concreto da interação face-a-face e na sociedade circundante mais ampla da cena da ação. Privilegia o termo interpretativo por considerar que ele indica seu caráter essencial: o interesse central da pesquisa no significado humano da vida social e sua elucidação e exposição pelo pesquisador. Em suas palavras, a pesquisa interpretativa envolve a investigação de um incerto fenômeno da interação cotidiana e suas conexões com o mundo social mais amplo, através do significado subjetivo, ou seja, perceber e descrever os eventos cotidianos, assim como identificar o significado das ações nos eventos a partir dos vários pontos de vista dos atores.

Minayo (1996a, p.10-11) explicita que a pesquisa qualitativa incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, considerando a subjetividade como fundante de sentido e como constitutiva do social. Sua preocupação é explicar os meandros das relações sociais, consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum. Assim, o significado é o conceito central da investigação, e a tarefa do pesquisador é buscar a compreensão da realidade humana vivida socialmente, aprofundando-se no universo dos significados das ações e relações humanas (Minayo, 1996b, p.21-23).

Sánchez Gamboa (1997, p.100) diz que os objetos da pesquisa precisam ser compreendidos, ou seja, pesquisar consiste em captar o significado dos fenômenos, saber ou desvendar seu sentido ou seus sentidos, esclarecendo que a compreensão supõe uma interpretação, uma maneira de conhecer seu significado. Neste sentido, Zabalza (1994, p.22-23) explicita que a hermenêutica descreve três componentes como configuradores do processo de penetração compreensiva num evento: a estrutura de conceitos, a partir da qual se aborda o fato, a compreensão atual e a interpretação (preunderstanding, understanding and interpretation). O conceito de "círculo hermenêutico" aborda essa relação entre o que o intérprete

sabe e o que é capaz de reconhecer no fato analisado, e explica que se compreende a partir de uma bagagem prévia de significações, a precompreensão ou preconcepção, posta à prova no processo de interpretação, que, ao finalizar, modifica as condições iniciais do intérprete, fechando o círculo. A estrutura de significações prévias ou o conjunto de componentes cognitivos e experienciais do intérprete vai se alterando devido à interação com cada novo processo de conhecimento e interpretação.

Bogdan; Biklen (1994, p.47-51) esclarecem que a abordagem qualitativa de pesquisa enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada, o estudo das percepções pessoais, e a questão de pesquisa tem o objetivo de investigar um fenômeno em seu contexto ecológico natural e buscar sua compreensão a partir das perspectivas dos sujeitos. Portanto, a pesquisa é **naturalista** ou **de campo**, pois a fonte dos dados é o ambiente ecológico de ocorrência das ações e dos comportamentos naturais das pessoas; é **descritiva**, pois os dados são coletados, de maneira minuciosa, em forma de palavras ou imagens; é **indutiva**, na medida em que a análise dos dados busca a teoria fundamentada (desenvolvida de baixo para cima, com base em muitas peças individuais de informação coletada), ou seja, as abstrações são construídas na medida em que os dados vão se agrupando em categorias e as categorias em dimensões mais amplas. E, finalmente, é uma pesquisa de **significações**, objetivando compreender como diferentes indivíduos dão sentido às suas vidas, por meio da observação de sua ação e da verbalização de seus pensamentos. Os indivíduos possuem concepções, crenças e valores que orientam sua ação, e a questão que se propõe à investigação é precisamente a de clarificar como se interligam pensamento e ação – uma conexão mediada pela significação da situação e pelos componentes afetivos, experienciais e de conhecimento. Os recursos metodológicos da pesquisa interpretativa devem ser capazes de enfrentar a bidimensionalidade da ação – a união entre o pensar e o atuar: entender a conduta explícita implica conhecer quais são os pensamentos relacionados com a referida ação (Zabalza, 1994, p.32-34).

O pesquisador intenciona perceber aquilo que os atores sociais experimentam, o modo como eles interpretam suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (Psathas *apud* Bogdan; Biklen, 1994, p.51), levando em consideração o contexto psicológico ou o universo de pensamentos dos indivíduos e o contexto ecológico ou o universo social da ação.

2 AS MICROCULTURAS E A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Erickson (1986, p.128-130) destaca que as unidades típicas de estudo da abordagem interpretativa são os grupos naturais ou as microculturas, caracteriza-

dos pela interação recorrente de seus membros para a consecução de uma ação comum.

Cada microcultura possui uma forma particular de organização social, ou seja, a interação regular dos indivíduos proporciona a construção de normas culturais, com as quais a ecologia social é organizada. Também possui significados-em-ação locais, pois são específicos desse grupo particular de indivíduos, que interagem no tempo, partilhando compreensões e tradições locais. Esclarece que a vida compartilhada dos indivíduos vai aproximando as perspectivas individuais de significação, que se tornam significados-em-ação locais ou compreensões partilhadas: durante o curso das ações as perspectivas individuais se tornam intersubjetivamente partilhadas entre os membros da interação.

Por outro lado, as microculturas locais não são estáticas, e sim, dinâmicas; na medida em que o processo interpretativo é continuamente formativo pelo enfrentamento de situações do cotidiano, a mudança é constante. Ou seja, o sentido atribuído às ações é manipulado, redefinido e modificado através de um processo interpretativo consensual ao grupo (Minayo, 1996a, p.54). Uma microcultura, portanto, é estudada em circunstâncias concretas e particulares da prática, em circunstâncias culturais e históricas específicas. Com as palavras de Minayo (1996b, p.12), pode-se afirmar que os significados-em-ação de uma microcultura são caracterizados pela provisoriade, dinamismo e especificidade.

Erickson (1986, p.121) diz que a pesquisa procura responder as seguintes questões, que contribuem para superar a invisibilidade da vida cotidiana, para compreender detalhes concretos da prática e proporcionar o conhecimento dos significados locais que os acontecimentos possuem para as pessoas envolvidas:

- 1) *O que está acontecendo, especificamente, na ação social que ocorre neste campo particular?*
- 2) *Que significados essas ações têm para os atores envolvidos no momento em que ocorrem?*
- 3) *Como os acontecimentos estão organizados em padrões de organização social, e quais são os princípios culturais que conduzem a vida cotidiana?*

O interesse fundamental da pesquisa interpretativa é a particularidade, a especificidade ou a peculiaridade dos significados-em-ação, ou o estudo detalhado de uma sociedade particular ou de uma unidade social, o que é chamado, na antropologia, de etnografia (Erickson, 1986, p.130). A etnografia é a tentativa de descrição de uma cultura, e sua principal preocupação é o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas, alguns diretamente expressos pela linguagem e outros transmitidos indiretamente por meio das ações (André, 1995, p. 19). O pesquisador encontra-se diante de diferentes formas de interpretação da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos

participantes às suas experiências e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor (*id.*, p.20).

A pesquisa do tipo etnográfico possui duas características essenciais:

1. envolve um trabalho prolongado de campo: o pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado que permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência diária (*ibid.*, p.29 e 41). O pesquisador é o principal instrumento na coleta dos dados: os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador (*ibid.*, p.28). Como ressalta Erickson (19986, p.143-144), o pesquisador precisa compreender eventos cuja estrutura é muito complexa para ser apreendida de imediato, devido aos limites da capacidade humana de processamento da informação. Esta racionalidade limitada é compensada pelo maior tempo de permanência no campo, na medida em que a observação e a reflexão continuadas capacitam o observador a desenvolver um modelo interpretativo da organização dos eventos observados.

2. utiliza um conjunto de técnicas para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social (André, 1995, p.27-28), especialmente a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. A observação participante exige a interação constante entre o pesquisador e a situação pesquisada, as entrevistas são utilizadas com a finalidade de esclarecer ou aprofundar aspectos da situação observada, e os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. Estas técnicas permitem:

“documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática ... , descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer (ibid., p.41).”

Marcelo Garcia (1987, p.166-167) enfatiza que a utilização de métodos etnográficos requer um prolongado período de observação e registro dos dados, assim como reduz o número de sujeitos a observar, sendo comum encontrar na literatura estudos de caso único. Citando Goetz e Le Compte, explicita as características da pesquisa etnográfica:

“Primeiro, as estratégias usadas extraem dados fenomenológicos; representam a visão de mundo dos sujeitos que estão sendo investigados e os construtos dos participantes são usados para estruturar a investigação. Segundo, a estratégia de investigação etnográfica é empírica e naturalista. Observação participante e não participante são usadas para obter dados de primeira mão. Terceiro, a investigação etnográfica é holística. Os etnógrafos

buscam construir descrições do fenômeno total dentro de seus variados contextos e gerar a partir destas descrições as complexas interrelações de causas e conseqüências que dirigem a conduta humana e a crença acerca dos fenômenos. Finalmente, a etnografia é multimodal ou eclética; os investigadores etnográficos usam uma variedade de técnicas de investigação para acumular dados."

3 O ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO

O estudo de caso possui uma longa tradição na pesquisa científica como **um** estudo descritivo exaustivo para fins de tratamento, intervenção e ilustração à resolução de uma situação problema. Mas, como tão bem expressa André (1995, p.30), o estudo de caso etnográfico surgiu mais recentemente, com uma concepção específica: a aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de caso, isto é, dentro da abordagem interpretativa de pesquisa e dentro da perspectiva etnográfica de pesquisa.

Lüdke; André (1986, p.17) ensinam: um estudo de caso é o estudo de um caso, que é sempre bem delimitado, ou seja, quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso. Um caso é único, particular, distinto de outros, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Segundo as autoras (*id.*, 18-21), um estudo de caso possui sete características que se sobrepõem às características gerais da pesquisa qualitativa:

- visam à descoberta: a compreensão de um caso exige que o pesquisador fique sempre atento a novos elementos e que busque novas indagações e respostas ao longo do processo de pesquisa;
- enfatizam a "interpretação em contexto": o estudo deve levar em conta o contexto em que ele se situa, na medida em que o caso está estreitamente ligado à situação específica;
- buscam retratar a realidade de forma completa: o estudo deve revelar a multiplicidade de dimensões presentes na determinada situação, que possui uma complexidade natural e inter-relações entre seus componentes;
- usam uma variedade de fontes de informação: o pesquisador deve coletar dados em momentos diferentes, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes;
- permitem generalizações naturalísticas: os resultados de um estudo de caso podem ser estendidos naturalmente a outras situações similares, isto é, um sujeito-leitor pode associar os dados encontrados com dados que são frutos das suas experiências pessoais;

Estudo de caso etnográfico

- procuram representar os diferentes pontos de vista presentes numa situação social: a realidade pode ser vista sob perspectivas diferentes, e o pesquisador deve retratá-las com fidedignidade;
- utilizam uma linguagem científica mais acessível: os relatórios possuem um estilo informal, narrativo, ilustrado por figuras de linguagem, citações, exemplos e descrições.

André (1995, p. 51-52) ressalta que a metodologia de estudo de caso etnográfico é indicada quando a questão de pesquisa for do tipo “como” e “por quê”, quando a preocupação for com a compreensão e descrição do processo, quando o foco de interesse for um fenômeno contemporâneo que esteja ocorrendo numa situação de vida real. O trecho a seguir é bem elucidativo:

“... podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância particular ...; (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados; (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural.”

De maneira fundamental, é preciso deixar claro que o critério de escolha de um grupo natural ou microcultura é sua singularidade. Ele será escolhido porque representa por si só um caso digno de ser estudado, seja porque é representativo de muitos outros casos, seja porque é completamente distinto de outros casos (*loc. cit.*).

Bogdan; Biklen (1994, p.90-91) nominam o estudo de caso etnográfico como estudo de caso de observação, cujo foco de estudo centra-se numa organização particular ou nalgum aspecto particular dessa organização. Os setores focalizados são: um local específico dentro da organização, ou um grupo específico de pessoas, ou qualquer atividade da organização. Os sujeitos são os atores sociais, ou o grupo natural, ou a microcultura: pessoas que interagem, que se identificam umas com as outras e que partilham expectativas em relação ao comportamento umas das outras – partilham uma identidade de grupo.

Um estudo de caso etnográfico possui três momentos: uma etapa inicial de planejamento, uma etapa prolongada de trabalho de campo ou de coleta de dados e uma etapa final de sistematização e elaboração do relatório final da pesquisa.

A etapa de planejamento resulta na elaboração do projeto de pesquisa, que se caracteriza por ser um plano geral e flexível de estruturação e orientação da investigação. A problematização da pesquisa pode ter origem em questões advindas do exame da literatura pertinente, ser fruto de observações e depoimentos feitos

por especialista sobre o problema, surgir de um contato inicial com a documentação existente e com as pessoas ligadas ao fenômeno ou de especulações baseadas na experiência pessoal do pesquisador (Lüdke; André, 1986, p.21). De qualquer maneira, a questão de pesquisa deve equilibrar o tempo e os recursos disponíveis do pesquisador com o tempo extensivo requerido no trabalho de campo, além de procurar não envolver um grupo no qual o pesquisador esteja envolvido. A familiaridade com a situação pode impedir o olhar mais distanciado e imparcial, o que só pode ser amenizado pelo estranhamento – um esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha (André, 1995, p.48). Na fundamentação teórica devem constar os referenciais teórico-conceituais e os estudos pertinentes já realizados, lembrando-se que uma longa revisão pode influenciar e limitar a análise indutiva dos dados coletados.

Para a coleta de dados, três técnicas de pesquisa são pertinentes e muito utilizadas em estudos de caso etnográficos:

• **Observação participante:** assim chamada porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado (*id.*, p.28). O trabalho de campo deve ser desenvolvido por um longo tempo, com muitos encontros com os sujeitos, em seu ambiente natural, acompanhando e participando de suas atividades cotidianas, buscando descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados (*ibid.*, p.37-38), atentando-se para o princípio da relativização, isto é, colocando-se o eixo de referência do olhar no universo pesquisado, nos significados culturais dos atores, ao mesmo tempo distanciando-se do universo de significados culturais do pesquisador. O tempo de permanência no campo deve ser concluído quando ocorre o momento da saturação dos dados: o ponto de coleta a partir do qual a aquisição de informação se torna redundante ou a aquisição de informação nova é diminuta (Bogdan; Biklen, 1994, p.96). Lembrando-se das recomendações de Erickson (1986, p.139), deve-se procurar coletar os dados tão intuitiva ou tão indutivamente quanto possível, pois a existência de expectativas conceituais 'a priori' podem limitar a abertura do pesquisador às singularidades experienciais no campo. Deve-se vivenciar o que Coulon (1995a, p.75) expressa como papel ativo do observador participante: aquele que participa ativamente das atividades do grupo, assume responsabilidades, comporta-se como colega em relação aos membros do grupo. O pesquisador deve, de fato, por-se à espreita, pois um dos grandes traços da observação participante consiste em observar o maior número de situações possíveis no decorrer da pesquisa de campo, o que permite não apenas a observação das ações, mas também a participação nas conversações naturais, onde emergem as significações das rotinas dos participantes (Coulon, 1995b, p.91). Durante cada sessão de observação devem ser redigidas as notas de campo em versão preliminar, retomadas em breve espaço de tempo

para redação final, com uma parte descritiva (descrição extensiva da situação vivenciada – do local, dos sujeitos, dos diálogos, das ações e das ocorrências) e de uma parte reflexiva, através de comentários do pesquisador, que entremeiam o relato descritivo e que registram as primeiras incursões interpretativas das ações e verbalizações, em busca de seu desvelamento.

• **Entrevista:** uma conversa intencional entre duas pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações, utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. Recomenda-se a realização de entrevistas semi-estruturadas, com a elaboração de um roteiro orientador ou de uma lista de tópicos previamente estabelecidos (Haguette, 1995, p.86), como elemento facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação (Minayo, 1996a, p.99). Este roteiro é um esquema básico da relação de interação social, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações, pois além do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado (Lüdke; André, 1986, p.34-35). Também é necessário ressaltar a importância da empatia na interação entrevistador-entrevistado. Como afirma André (1995, p.62-63), se há um clima de confiança, as informações fluirão mais naturalmente: o pesquisador precisa ser uma pessoa que saiba ouvir, ser paciente com as pausas, com as explicações complexas, com a falta de precisão e, também, tentar ouvir com atenção (e entender e respeitar) as opiniões, os argumentos, os pontos de vista que divergem dos seus próprios.

• **Textos escritos pelos sujeitos:** os textos produzidos pelos sujeitos também constituem fontes naturais de informação para o pesquisador, referindo-se a cartas, redações, depoimentos, diários e outros registros escritos pelos sujeitos: qualquer narrativa feita na primeira pessoa que descreva ações, experiências e crenças dos indivíduos (Bogdan; Biklen, 1994, p.177). A análise documental é apropriada quando existem limitações de tempo ou de deslocamento do pesquisador, quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas e também quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos (Holsti *apud* Lüdke; André, 1986, p.39). Bogdan; Biklen (1994, p.176) ressaltam que os dados produzidos pelos sujeitos são utilizados como parte dos estudos em que a tônica principal é a observação participante ou a entrevista, embora às vezes possam ser utilizados em exclusivo. Nos estudos de caso etnográficos os textos produzidos pelos sujeitos possuem a função essencial de validar as informações obtidas através da observação participante e da entrevista, para a triangulação dos

dados – a checagem de um dado obtido através de diferentes informantes, em situações variadas e em momentos diferentes (Lüdke; André, 1986, p.52).

Na etapa final do estudo de caso, quando o pesquisador sistematiza os dados e prepara o relatório, a teoria se reveste de um importante papel no sentido de fornecer suporte às interpretações e às abstrações que vão sendo construídas com base nos dados obtidos e em virtude deles (André, 1995, p.47).

Em relação à análise de dados, Bogdan; Biklen (1994, p.205) expressam com clareza sua consideração como um processo de busca e organização dos dados coletados, uma tarefa analítica para sua compreensão e interpretação. Na mesma direção Erickson (1986, p.156) a caracteriza como etapa de reflexão deliberada e duradoura sobre a documentação obtida: a reflexão impõe exame deliberado do observador sob seu ponto de vista interpretativo, sob suas fontes de teoria formal, sua formação cultural e seus valores pessoais. Para o autor, os materiais coletados no campo não são dados por eles mesmo. Os dados precisam ser construídos através de meios formais de análise: o processo de análise converte os recursos documentários em dados (*id.*, p.149), ou seja, o pesquisador vai percebendo regularidades e padrões, que constituem as categorias de codificação ou os meios para sua classificação e/ou agrupamento. Coulon (1995b, p.91-92) ampara teoricamente este procedimento ao afirmar que a construção do mundo social pelos membros é metódica e que estão no caráter repetitivo, padronizado, transpessoal e trans-situacional o significado ou as propriedades dos fatos sociais da vida cotidiana.

A construção do sistema de codificação envolve a categorização da informação em diferentes níveis, existindo códigos principais mais gerais e abrangentes e sub-códigos mais específicos, caracterizados como categorias menores pertencentes a um código principal (Bogdan; Biklen, 1994, p.234). Lüdke e André (1986, p.42-43) elucidam que o processo de construção das categorias é criativo e essencialmente indutivo, exigindo grande rigor intelectual e muita dedicação: a partir de inúmeras leituras e releituras dos dados, encontram-se aspectos recorrentes e que são a base para o primeiro agrupamento da informação em categorias. Esse conjunto inicial de categorias, construído por um processo convergente, passa por um processo divergente que inclui operações de aprofundamento, ligação e ampliação, com vistas à sua reorganização, o que inclui perceber relações e associações e efetivar reagrupamentos – separações ou junções.

Erickson (1986, p.149) indica que no processo de indução analítica as unidades básicas no processo de análise dos dados são também os elementos básicos para a redação do relatório do estudo. Estas unidades básicas são:

“exemplos de ação nos eventos e exemplos de verbalizações sobre o significado dessas ações e sobre aspectos mais gerais de significação e crença na perspectiva dos vários atores envolvidos nos eventos.”

Estudo de caso etnográfico

“Os exemplos de ações são obtidos a partir da revisão das notas de campo e os exemplos de verbalizações são obtidos a partir da análise das entrevistas formais e informais realizadas com os informantes.”

Neste sentido, no relato desses detalhes, chamados de descrição particular, está o fundamento (a essência, o cerne, o núcleo) de um efetivo relatório de pesquisa (*loc. cit.*), que possui três tipos de conteúdos: descrição geral, teria função principal de estabelecer a tipicidade ou a generalização de padrões. Segundo, a descrição particular, ou pelos exemplos de ações e verbalizações, através de narrativas analíticas e citações diretas, descrições estas entremeadas por comentários interpretativos, que efetivam as conexões entre o relato específico e os argumentos mais teóricos e abstratos (*id.*, p.151). Assim, o relatório de pesquisa revela uma compreensão do fenômeno, uma das possíveis versões do caso, que não é a única ou a correta e que depende da habilidade de escrita do pesquisador, que deve ser capaz de por em palavras aquilo que observou, ouviu e sentiu (André, 1995, p.56 e 63).

Por fim, cabe reiterar as vantagens do estudo de caso etnográfico: ele fornece uma visão profunda, ampla e articulada de uma unidade social complexa, possui a capacidade de retratar situações vivas do dia-a-dia e clarifica os vários sentidos do fenômeno estudado. Com isto, é considerado relevante na construção de novas teorias e no avanço do conhecimento (*id.*, p.53).

É um tipo de estudo qualitativo que gratifica tanto os pesquisadores experientes quanto os iniciantes, pois pode ter graus de dificuldade variável (Bogdan; Biklen, 1994, p.89). Esses renomados pesquisadores afirmam que não é por acaso que a maioria dos investigadores escolhe, para seu primeiro trabalho, um estudo de caso, e recomendam: comece por um estudo de caso. Tenha uma primeira experiência gratificante e prossiga, se assim o desejar, para estudos mais complexos (*loc. cit.*).

Se este é um começo fácil, vamos começar a pesquisar na abordagem qualitativa de pesquisa por meio do estudo de caso etnográfico, lembrando-nos das palavras de Bradley; Sutton (1993, p.405), quando expressam que a área de Ciência da Informação atentou-se relativamente tarde para a pesquisa qualitativa, em comparação com outras ciências sociais e que o desenvolvimento de sua potencialidade ainda está para surgir.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRADLEY, Jana; SUTTON, Brett. Reframing the paradigm debate. *The Library Quarterly*, v.63, n.4, p.405-410, Oct. 1993.

CHIZZOTTI, Antonio. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Novos enfoques da pesquisa educacional*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994, p.85-98.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995a.

COULON. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995b.

ERICKSON, Frederick. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, Merlin C. *Handbook of research on teaching*. 3.ed. New York: Macmillan, c1986, p.119-161.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÜDKE, Menga; André, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELO GARCÍA, Carlos. *El pensamiento del profesor*. Barcelona: Ediciones CEAC, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1996b.

SÁNCHEZ GAMBOA, Sílvio. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997, p.91-115.

Estudo de caso etnográfico

ZABALZA, Miguel Angel. *Diários de aula: um contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora, 1994.

Ethnographic case study

Principles, conceptions and techniques of an ethnographic case study are presented, in qualitative or interpretative research approach. This kind of research aims to understand and to trace the particularity and complexity of a natural group or microculture, from subjective meanings for their social actors, collected through participant observation, interviews and written narratives.

Keywords: Ethnographic case study. Qualitative research.

Elisabeth Márcia Martucci

Doutora em Educação, pela Universidade Federal de São Carlos.
Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos.
Presidente da Fundação Educacional São Carlos - fundação municipal de ensino.
